

DIÁLOGO LINGUÍSTICO

Ocidente e Oriente

ORGANIZADORAS

- Alice Joko • Rita de Cássia Soares
- Vera Augusto • Yuko Takano

lters Student Center
Académie des Lettres
Cion Estudiantil de Letras
to Acadêmico de Letras
文学 學術
センター



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

EDITORA



UnB



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
César Lignelli
Flávia Millena Biroli Tokarski
Liliane de Almeida Maia
Maria Lidia Bueno Fernandes
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcante
Sely Maria de Souza Costa
Wilsa Maria Ramos



DIÁLOGO LINGUÍSTICO

Ocidente e Oriente

ORGANIZADORAS

Alice Tamie Joko

Rita de Cássia da Silva Soares

Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto

Yuko Takano



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

Coordenadora de produção editorial

Revisão

Diagramação

Foto de capa

Equipe editorial

Marília Carolina de Moraes Florindo

Alice Tamie Joko, Rita de Cássia Soares,
Vera Lúcia Augusto e Yuko Takano

Laissa Reis

René Strehler

© 2021 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF

Telefone: (61) 3035-4200

Site: www.editora.unb.br

E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
desta publicação poderá ser armazenada ou
reproduzida por qualquer meio sem a autorização
por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

D536

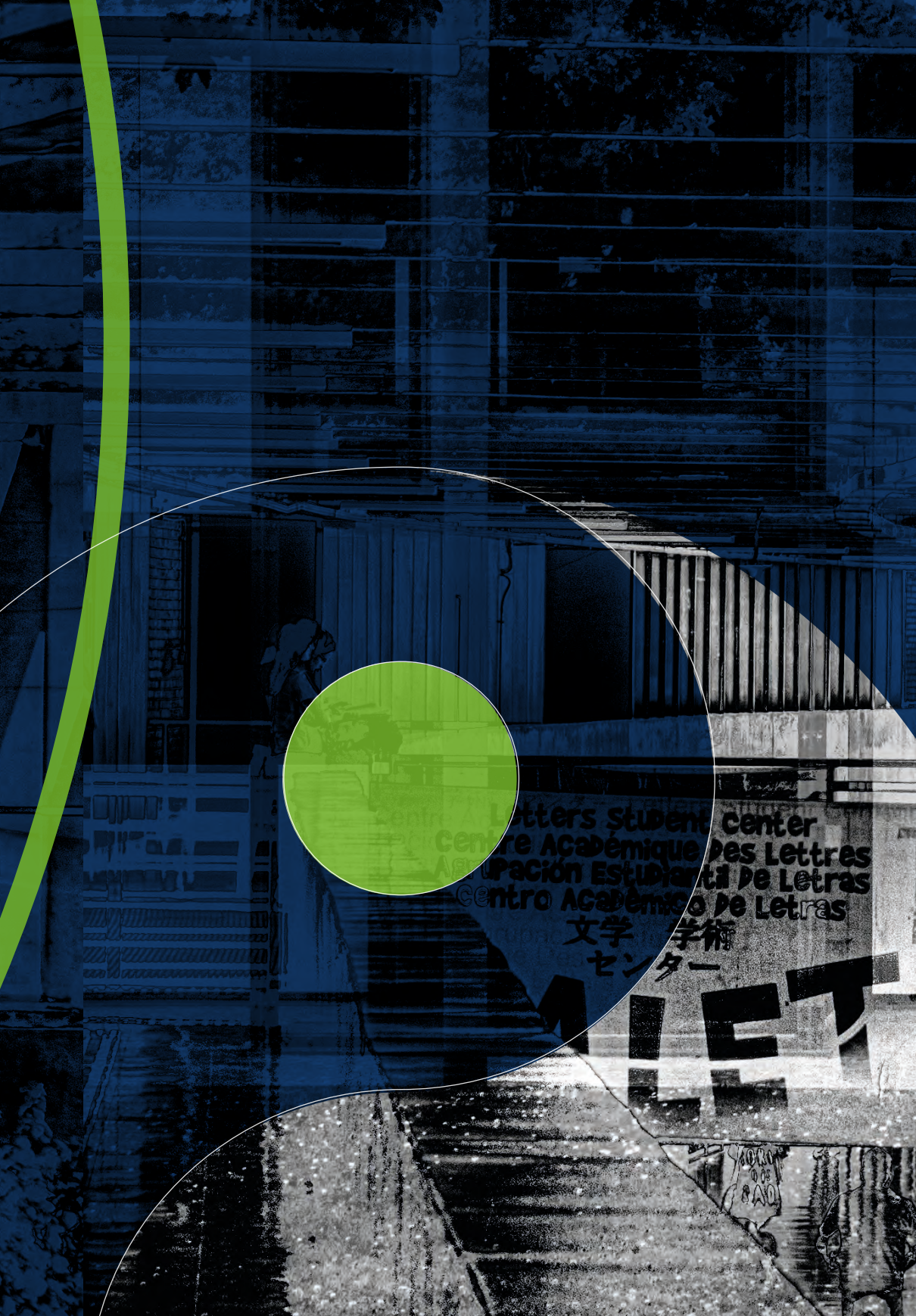
Diálogo linguístico : Ocidente e Oriente / organizadoras, Alice
Tamie Joko ... [et al.]. – Brasília : Editora Universidade de
Brasília, 2021.

368 p. ; 23 cm. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

ISBN 978-65-5846-143-2

1. Sociogeolinguística. 2. Língua japonesa - Estudo e ensino.
3. Língua portuguesa - Estudo e ensino. I. Joko, Alice Tamie
(org.). II. Série.

CDU 81'28



Lettres Student Center
Centre Académique des Lettres
Asociación Estudiantil de Letras
Centro Académico de Letras
文学 学術
センター

LETTERS

SECRET
DE
SAO

SUMÁRIO

Apresentação _____ 11

PARTE I - OCIDENTE

**Mapeamento geossociolinguístico da vogal média posterior
pretônica /o/ no Estado de Rondônia** _____ 25

Abdelhak Razky (UnB)
Diego Coimbra (UFPA)

**Contribuições da sociogeolinguística para o ensino de língua
portuguesa: propostas de intervenção para a educação básica** _53

Adriana Cristina Cristianini (UFU)



Crenças e atitudes: vencendo o preconceito e construindo empatia linguística_____73

Clézio Roberto GONÇALVES (UFOP/CNPq)
Josane Moreira de OLIVEIRA (UEFS/UFBA)

Amuleto, figa, patuá...: um estudo de sociogeolinguística_____95

Irenilde Pereira dos Santos (USP)

Tagarela, falador e papagaio: linguagem e interação nas variações do português_____115

Rita de Cássia da Silva Soares (USP e FAG)

Escolhas lexicais e ensino de línguas: anseios e possibilidades____139

Selma Sueli Santos Guimarães (UFU)

Um estudo geolinguístico no Estado de Goiás_____161

Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto (UNICALDAS e IFMT)

PARTE II - ORIENTE

O uso de línguas pela primeira geração de imigrantes okinawanos na Casa Verde em São Paulo e as suas questões linguísticas_____179

Eduardo Nakama (UnB)
Yûki Mukai (UnB)

Uma nova abordagem de ensino do curso de japonês no Centro Interescolar de Línguas (CIL) de Sobradinho – CILSOB – percepções de um professor sobre o processo_____219

Geanne Alves de Abreu Morato (SEEDF)

Hélder Gomes Rodrigues (SEEDF)

(Im)polidez, saudações e formas de tratamento: dificuldades de aprendizagens de português LE_____261

Kazue Saito M. Barros (UFPE/CNPq)

Alice Tamie Joko (UnB)

Ricardo Rios Barreto Filho (UFPE)

TCC do Curso de Licenciatura em Japonês: um olhar no passado e reflexões_____283

Kyoko Sekino (UnB)

O nordeste asiático como área de convergência linguística: a língua japonesa em seu contexto regional_____315

Marcus Tanaka de Lira (LET/UnB)

Diálogos possíveis: áreas que se convergem para os estudos do falar nipo-brasiliense_____337

Yuko Takano (UnB)

Posfácio_____361

Os Autores_____363



PARTE II - ORIENTE





O NORDESTE ASIÁTICO COMO ÁREA DE CONVERGÊNCIA LINGUÍSTICA: A LÍNGUA JAPONESA EM SEU CONTEXTO REGIONAL

Marcus Tanaka de Lira (LET/UnB)

Apesar de estar entre as línguas mais faladas do mundo, ainda há muitas dúvidas sobre a origem da língua japonesa e sua relação com as línguas do continente (SHIBATANI, 1990; IWASAKI, 2013). Há várias hipóteses, havendo tanto alternativas que visam oferecer uma origem específica para a língua, como a conhecida hipótese altaica, quanto alternativas que indicam que o japonês pode ter surgido do contato linguístico entre dois povos que falavam línguas distintas. Esse contato seria explicado pelas migrações dos períodos Jomon e Yayoi na história japonesa.

Idealmente, para entendermos melhor a origem de uma língua, fazemos uso de reconstruções sonoras e utilizamos as ferramentas comparativas desenvolvidas pela linguística histórica. Mas, devido às dificuldades de se fazer essas reconstruções no caso da língua japonesa, frequentemente suas características tipológicas são levadas em consideração (SHIBATANI, 1990, p. 97), o que nos leva ao seguinte questionamento: e se essas características forem o resultado de contato, e não de uma origem comum?

Para entendermos mais sobre a origem da língua japonesa após todos esses séculos, entretanto, é necessário reconhecer que as línguas não são indiferentes a influências externas, podendo incorporar características que são resultados de inovações oriundas de contatos mais recentes. Diferenciar inovações areais de características mais antigas da língua japonesa pode nos ajudar a entendermos melhor suas origens.

Com o objetivo de explicar a importância dessa distinção e a inserção da língua japonesa no contexto regional, será oferecida uma introdução com uma descrição do problema, seguida pela definição dos conceitos aqui trabalhados. Então será oferecida a metodologia utilizada para oferecer uma análise incipiente em português sobre a existência de uma área de convergência linguística da qual a língua japonesa faz parte. Por fim, serão trazidos os dados e uma análise curta sobre o que se pode concluir desta análise inicial e quais caminhos seriam necessários para uma melhor compreensão da relação da língua japonesa com as línguas do nordeste asiático.

1. INTRODUÇÃO

Teoricamente, ao analisarmos as diferentes línguas do mundo, seria perfeitamente possível que elas variassem completamente entre si, de forma mais ou menos aleatória, apresentando estratégias gramaticais e sistemas fonológicos completamente distintos umas das outras. Sob tal condição, não haveria motivo para acreditarmos que as línguas devessem apresentar convergências em quaisquer dos níveis de análise, como em sua fonologia ou em sua morfossintaxe.

Por exemplo, poderíamos acreditar que nas línguas naturais em que há morfologia de tempo, modo, ou aspecto, cada língua apresentaria uma estratégia diferente para codificar essas noções gramaticais: uma apresentaria sufixos, outra apresentaria prefixos, outra apresentaria alterações na raiz verbal, com cada uma das línguas apresentando uma possibilidade radicalmente única.

Na prática, entretanto, não é isso que ocorre. Como no cenário imaginado no parágrafo anterior, as línguas de fato variam, mas muitas de suas propriedades são recorrentes nas línguas naturais das mais diversas regiões. No caso da morfologia de tempo, modo e aspecto, das 1062 línguas analisadas por Dryer (2005), 629 delas apresentavam sufixos. Ou seja, em quase 60% das línguas analisadas, a morfologia vinha após a raiz verbal, como no caso das línguas portuguesa e japonesa. Não só as línguas não apresentam uma estratégia incomparavelmente singular, como mais da metade delas apresentou uma mesma tendência.

A própria possibilidade de podermos comparar diferentes estruturas em línguas distintas de acordo com sua função, na busca de entendermos como e o porquê de se dar essa variação, é o ponto inicial de linhas teóricas inteiras, como a tipologia funcional tipológica (CROFT, 2003, p. 1-2; GIVÓN, 2001, p. 20). Essa será a linha teórica aqui adotada.

Essas recorrências também poderiam ocorrer de várias maneiras. Assim como no primeiro parágrafo desta introdução imaginamos um cenário em que as línguas do mundo variassem em sua totalidade uma das outras, podemos imaginar um mundo em que existe a recorrência de algumas propriedades, mas de forma completamente aleatória ao redor do globo. Se uma característica ocorresse em 20% das línguas conhecidas, por exemplo, esperaríamos que essa porcentagem se mantivesse estável em todas as diferentes regiões. Assim, se as línguas apresentassem características similares, poderíamos explicar essas semelhanças como uma coincidência. Afinal, se tivermos um número maior de línguas do que de propriedades que essas línguas apresentam, é natural que elas recorram.

O problema, todavia, é que essa recorrência também não é aleatória. Algumas propriedades são mais comuns em algumas partes do globo, mas inexistente em outras. Começemos descrevendo um exemplo simples.

Maddieson (2005), ao fazer um levantamento em 562 línguas, detectou que apenas em 37 havia a presença de fonemas vocálicos anteriores labializados, como /y/ ou /ø/ (são as vogais presentes nas palavras alemãs “glück” [felicidade] e “schön” [bonito]). Mas, essas poucas línguas não estavam uniformemente distribuídas nos diferentes continentes: quase

80% delas estavam todas no norte da Eurásia. Ainda que reconheçamos que possa haver erros nas gramáticas de muitas das línguas analisadas, a realidade é que houve um reconhecimento muitíssimo maior desses fonemas vocálicos em uma região em detrimento das outras.

Uma explicação natural ao vermos uma distribuição dessas seria acreditar que a aglomeração de uma mesma propriedade em uma região específica, em detrimento de todas as outras, seria a de que essas línguas com essa característica possuem uma origem comum. Afinal, seria também perfeitamente possível que as 29 línguas em que foram encontradas vogais anteriores labializadas tivessem vindo de uma protolíngua que também apresentasse vogais anteriores labializadas.

Uma origem comum explicaria o porquê de encontrarmos esses fonemas vocálicos em algumas dessas línguas. Na Europa, finlandês e húngaro são ambas línguas urálicas, enquanto no centro-norte asiático as línguas túrquicas (como o turco, o azeri e o tuvano) também tendem a apresentar esses fonemas. Mandarim, cantonês e o tibetano, que também exibem vogais anteriores labializadas, também possuem uma origem comum no leste asiático, sendo todas línguas sino-tibetanas. Mas, essa é só a primeira parte de uma possível resposta, já que não só essas famílias não apresentam uma origem compartilhada (não há uma origem comum atestada para o húngaro e o mandarim, por exemplo) e nem todas as línguas dessas famílias apresentam essas vogais: nenhuma das línguas sino-tibetanas do sudeste asiático apresentam vogais anteriores labializadas.

Outra explicação seria tomarmos o próprio fenômeno analisado como parte da explicação: essa característica seria mais difundida no norte da Eurásia devido à proximidade geográfica de muitas dessas línguas, que formam uma faixa ao longo da Eurásia, que se estende hoje de Rennes a Hong Kong ou de Colônia a Kolyma. Ao reconhecermos a influência da proximidade regional mesmo em línguas que não compartilham de relação genética comum, podemos seguir para o conceito de áreas de convergência.

2. ÁREAS DE CONVERGÊNCIA

É bem documentado em linguística que línguas faladas ao longo da história numa mesma região tendem a apresentar processos compartilhados de inovações gramaticais e fonológicas, levando ao fenômeno de convergência linguística, como no caso da Europa (HEINE e KUTEVA, 2006) e o Sudeste Asiático Continental (ENFIELD, 2005). Isso leva a semelhanças morfossintáticas e fonológicas, mesmo quando não apresentam uma origem comum.

Nessas áreas de convergência, línguas de origens distintas apresentam propriedades estruturais compartilhadas que, por muitas das vezes, não são encontradas em línguas da mesma família fora dessas áreas (ENFIELD, 2005, p. 190). Por exemplo, nas chamadas “Língua Europeia Padrão” (HASPELMATH, 2001, p. 1494), dentre as quais temos o português, é comum que haja artigos definidos e indefinidos, enquanto nas línguas Indo-Europeias do leste asiático, do Irã e da Índia, esses artigos estão ausentes.

Podemos assim definir de área de convergência linguística, do alemão Sprachbund, uma região geográfica em que línguas de diferentes famílias compartilhem características significantes que não são encontradas em línguas dessas famílias que se localizem fora da região (AIKHENVALD e DIXON, 2006, p. 14).

Desta forma, para determinar o que seria uma área de convergência linguística e aplicarmos à região do nordeste asiático, podemos tomar como base os passos de Haspelmath (2001, p. 1493) aplicados às línguas europeias, para os quais dar-se-ão nomes a fim de facilitar no acompanhamento:

1. **Frequência:** para que uma propriedade seja comum a uma região, é necessário que a maioria das línguas da região possua essa propriedade;
2. **Exclusividade Periférica:** para que essa propriedade seja considerada típica de uma região, é necessário que as línguas

vizinhas não apresentem tal propriedade (tornando, portanto, exclusiva da região);

3. **Exclusividade Genética:** para que essa propriedade seja considerada típica de uma região, é necessário que, fora da região, as línguas que sejam parte de uma mesma família linguística não apresentem tal propriedade (excluindo, portanto, a possibilidade de ser uma característica comum à família);
4. **Exclusividade Global:** para que essa propriedade seja comum a uma região, é necessário que ela não seja encontrada na maioria das línguas naturais do mundo. Neste caso, como o acervo de descrições linguísticas disponível ainda é muito limitado, o próprio autor reconhece que sempre há a possibilidade de precisarmos fazer revisões de acordo com o desenvolvimento de materiais produzidos.

Os dois primeiros passos são bastante simples, sendo necessário apenas fazer uma comparação direta. A fim de melhor entendermos como os segundo e terceiro passos se aplicam às línguas da região, e à língua japonesa em específico, é preciso definir o que queremos dizer por nordeste asiático e o que sabemos sobre a origem das línguas da região.

3. O NORDESTE ASIÁTICO E AS LÍNGUAS DO LEVANTAMENTO

Para efeitos do presente levantamento, o termo “nordeste asiático” será similar ao recorte feito por Narangoa e Cribb (2014, p. 2), se referindo à região que fica entre a tundra do extremo norte da Sibéria, ao norte, e as planícies da China ao sul. Ou seja, engloba as seguintes regiões:

- **O arquipélago japonês**, incluindo as quatro principais ilhas do Japão (Hokkaido, Honshu, Shikoku e Kyushu);
- **A península coreana**, em toda sua extensão;
- **A região chinesa da Manchúria**, englobando as atuais províncias de Liaoning, Jilin e Heilongjiang;
- **AMongólia**, com base em sua extensão política contemporânea
- **A região sul do extremo oriente russo**, aqui representado pelo sul do Distrito Federal do Extremo Oriente da Federação Russa.

Foram tomadas como línguas da região para fins deste levantamento, além da língua japonesa, a língua isolada Ainu, falada ao norte do arquipélago japonês, assim como as línguas faladas no continente, como as línguas coreana (isolada), manchu (tungúsica), mongol (mongólica) e nivkh (isolada).

É importante frisar que, para os devidos fins e seguindo Vovin (2005), a hipótese altaica não será considerada como sendo definitiva e válida para podermos considerar como certa a relação entre as famílias tungúsica e mongólica ou mesmo entre essas línguas e, como veremos adiante, as línguas coreana e japonesa.

4. A LÍNGUA JAPONESA NO NORDESTE ASIÁTICO

Retornando ao terceiro passo de Haspelmath (2001, p. 1493), é necessário frisar que sabe-se surpreendentemente pouco sobre a origem da língua japonesa, cuja relação genética com línguas fora da família japônica ainda é bastante contestada (SHIBATANI, 1990, p. 94-95). Dentre as origens consideradas prováveis pelo autor, estão pelo menos quatro:

1. **Origem Setentrional:** hipóteses que conectam a língua japonesa às línguas do centro e norte da Ásia, como as línguas altaicas (que englobariam as famílias túrquicas, mongólicas, tungúsicas e a língua coreana). Como comentado anteriormente, sofre dos problemas apontados por Vovin (2005), relacionados às dificuldades com reconstruções, carecendo de maiores detalhamentos.
2. **Origem Meridional:** hipóteses que conectam a origem da língua japonesa às línguas do sul da Ásia, como na hipótese austro-asiática e na malaio-polinésia.
3. **Origem Mista ou Híbrida:** hipóteses de que a língua japonesa seria ou uma língua crioula resultante de um substrato austronésio e de um superstrato de que se trata de uma mista surgida do contato de línguas dessas duas famílias. Essa origem se torna mais verossímil se levarmos em consideração que o arquipélago japonês foi povoado por duas ondas migratórias diferentes, as Jomon e Yayoi (HENSHALL, 2004, p. 11-12), ainda que não possamos determinar o ponto de origem exato de cada uma dessas migrações.
4. **Origem compartilhada com a língua coreana:** frequentemente ligada ao primeiro grupo de hipóteses, supõem de maneira mais restrita que as línguas coreana e japonesa possuem uma origem comum, sem necessariamente se pronunciar quanto às outras línguas do continente. É importante citar que tanto esse grupo de hipóteses, quanto às hipóteses do primeiro grupo, são majoritariamente reconhecidos não só em publicações sobre a história da língua japonesa, mas também sobre a história da língua coreana (SOHN, 2001; LEE e RAMSEY, 2011). Um ceticismo sobre a hipótese altaica, nesse caso, não afetaria a relação entre essas duas línguas em específico.

Não faz parte do escopo do presente trabalho determinar qual das hipóteses é a mais provável, uma vez que queremos entender melhor quais características da língua japonesa *se devem à sua localização*, e não à sua origem. Apenas se levará em consideração que, se há alguma relação genética da língua japonesa com alguma das outras línguas presentes no levantamento. Isso fará com que o terceiro passo do ponto citado por Haspelmath (2001) não seja necessariamente aplicado a este trabalho, uma vez que ainda não sabemos, ao certo, qual é a relação de muitas das línguas da região entre si ou com famílias linguísticas de outras regiões da Ásia.

5. METODOLOGIA

Utilizando uma linha funcional tipológica, será feito um levantamento com 8 estratégias gramaticais presentes na língua japonesa que, ao serem comparadas com as estratégias presentes em outras línguas da região, poderão determinar se, de fato, temos uma possível área de convergência linguística, e se todas as línguas do levantamento fazem parte dessa área.

Os dados serão retirados de uma revisão bibliográfica sobre as línguas ainu (SHIBATANI, 1990; REFSING, 1986), falada ao norte do arquipélago japonês; coreana (SOHN, 2001; SONG, 2005; KIM-RENAUD, 2012; CHANG, 1995), falada principalmente na península coreana; japonesa (SHIBATANI, 1990; IWASAKI, 2013; HINDS, 2001), falada majoritariamente no arquipélago japonês; manchu (GORELOVA, 2002), falada tradicionalmente na região da Manchúria, na China; mongol (JANHUNEN, 2012), falada na Mongólia e na Mongólia Interior (China) e Nivkh (GRUZDEVA, 1998; NEDJALKOV e OTAINA, 2013), falada nas ilhas Sacalinas e regiões vizinhas. Serão então analisadas oito características destas línguas. Como norte, serão vistos primeiro os pontos seguintes como possíveis resultados de contato areal a (1) ordem dos sintagmas, o (2) alinhamento morfossintático, e (3) uso de classificadores, com a observação mais a fundo sobre uma possível área de

convergência levando em consideração os pontos discutidos por Tranter (2012), a saber, (4) honorificação de sujeito e objeto, (5) honorificação de interlocutor, (6) codificação de tópico e sujeito, (7) uso de converbos e (8) passivização indireta.

Por fim, os dados encontrados serão comparados de acordo com os passos mencionados em Haspelmath (2001) para se verificar o quão provável é a existência de uma área de convergência linguística na região sob os parâmetros aqui analisados.

6. DADOS

Como mencionado na seção metodológica, o primeiro ponto analisado nas línguas foi a ordem dos constituintes nessas línguas. Devido à questão do espaço, serão apenas oferecidos os exemplos para ilustração da discussão de cada um dos pontos.

6.1. ORDEM DOS CONSTITUINTES

Em todas as línguas analisadas, a ordem básica dos constituintes em orações transitivas foi SOV, ou seja, Sujeito-Objeto-Verbo, como exemplificado abaixo na oração (I) em japonês:

I.	S	O	V	
	inu-ga	ringo-o	tabe-te	i-ru
	cachorro-NOM	maça-ACU	comer-TE	existir-Ñ.PSD

“O cachorro está comendo uma maçã” (IWASAKI, 2013, p. 11)

6.2. ALINHAMENTO MORFOSSINTÁTICO

Como se pode ver na oração (I) acima, a língua japonesa apresenta um alinhamento nominativo-acusativo, em que tanto o caso nominativo e o acusativo são marcados. A língua coreana apresenta um alinhamento similar, em que nominativo e acusativos são marcados com sufixos {-i/-ka} para nominativo e {-(l)ul} para acusativo (KIM-RENAUD, 2012, p. 135).

Mongol e manchu apresentam situações um pouco diferentes em que, apesar de terem morfemas expressos para acusativo (que assim como em japonês e coreano, são sufixos ou clíticos ligados ao final dos sintagmas), o nominativo não é marcado, como no caso do exemplo (II) da língua manchu:

II.	S	O	V
	bi	hergen-be	ara-mbi
	1.SG	carta-ACU	escrever-IMPF

“Eu escrevo cartas” (GORELOVA, 2002, p. 166) [Manchu]

No caso das línguas nivkh e ainu, o alinhamento é neutro, sem morfologia distinguindo o nominativo do acusativo (NEDJALKOV e OTAINA, 2013, p. 50; SHIBATANI, 1990, p. 34).

Temos então três situações diferentes: duas línguas em que nominativo e acusativo são marcados morfológicamente (japonês e coreano), duas línguas em que o nominativo não é marcado (manchu e mongol) e duas línguas em que não há distinção morfológica dos dois casos (nivkh e ainu).

6.3. CLASSIFICADORES

O uso de classificadores numerais na região também não é igual em todas as línguas. O uso de classificadores de forma obrigatória é bem documentado em japonês (IWASAKI, 2013, p. 38) e coreano (CHANG, 1995, p. 35). Nessas línguas, os números vêm seguidos de um sufixo que indicam ao que se referem, como no caso em “san-dai” em japonês, em que “san” indica o número 3 e “dai” indica que se refere a máquinas grandes (IWASAKI, 2013, p. 38).

No caso da língua ainu, o classificador ocorre dependendo do objeto contado (REFSING, 1986, p. 115), sendo possível não ser utilizado em algumas situações, mas sendo obrigatório em outras:

III.	Num	Subs
	Tu	unma
	Dois	cavalo
	“Dois cavalos” (REFSING, 1986, p. 115) [Ainu]	
IV.	Tun	katkemat...
	Dois.PESSOA	mulher
	Dois	cavalo
	“Duas mulheres” (REFSING, 1986, p. 115) [Ainu]	

Nivkh apresenta numerais de forma um pouco mais complexa: dos números de um a cinco, a forma dos números muda de acordo com o que é contado. “m-en”, por exemplo, significa “dois homens”, enquanto “m-or” significa “dois animais” (NEDJAL KOV e OTAINA, 2013, p. 63), mas tal distinção não ocorre entre seis a nove.

Em mongol, classificadores existem, mas não são obrigatórios (JANHUNEN, 2012, p. 193). Não há indicação da existência de classificadores em manchu.

6.4. HONORIFICAÇÃO DE SUJEITO E OBJETO

As línguas japonesa e coreana apresentam construções bastante complexas relacionadas a polidez de sujeito e objeto, requerendo vocábulos diferentes dependendo da hierarquia do sujeito ou do objeto da oração em relação ao falante. Por exemplo, na oração a seguir, o falante usa uma forma especial do verbo dizer para se referir ao presidente da empresa:

V. Shachoo-wa konna koto mo ossha-tta
presidente_TOP assim coisa também dizer.HON-PSD

“O presidente (da empresa) também disse uma coisa assim”
(IWASAKI, 2013, 322) [japonês]

Não foram encontradas construções análogas nas outras línguas do levantamento.

6.5. HONORIFICAÇÃO DE INTERLOCUTOR

Além da honorificação do sujeito e do objeto, como mostrado acima, é possível tanto em japonês quanto em coreano marcar gramaticalmente diferentes níveis de polidez de acordo com o status do interlocutor (além, como mencionado, do status do sujeito e do objeto das orações). A oração (V) acima, por exemplo, poderia ser dita para alguém de status similar ao do falante. Entretanto, havendo a necessidade de se falar de forma mais polida, honorificando o interlocutor, teríamos uma oração como a seguinte:

- VI. Shachoo-ga soo osshai-mashi-ta
 presidente-SUJ assim dizer.HON-POL-PSD
 “O presidente disse assim” (IWASAKI, 2013, 323) [japonês]

Nas outras línguas da região, foram encontradas apenas formas de honorificação do interlocutor através do uso de pronomes. Em mongol, por exemplo, a palavra para “tu” (“cii”) é frequentemente trocada pelo plural “vós” (“taa”), de forma que, para indicar a segunda pessoa do plural, é costumeiramente adicionado um morfema de plural ao que originalmente significava “vós” (“taa-ner”, ou “vós-PL”) (JANHUNEN, 2012, p. 135). Mas, não se trata de fenômeno similar ao que ocorre em japonês e coreano.

6.6. CODIFICAÇÃO DE TÓPICO E SUJEITO

Faz-se, morfologicamente, a distinção de sujeito e tópico em japonês e coreano, sendo possível inclusive que ocorram conjuntamente em orações como a seguinte:

- VII. Khokkili-nun kho-ka kilta
 Elefante-TOP nariz-SUJ longo
 “Elefantes têm nariz longo” (CHANG, 1995, p. 200) [coreano]

- VIII. Zou-wa hana-ga naga-i
 Elefante-TOP nariz-SUJ longo-Ñ.PSD
 “Elefantes têm nariz longo” (tradução para o japonês do autor)

Devido a esse tipo de comportamento, as duas línguas são o que Li e Thompson (1976) consideram “línguas orientadas para sujeito e tópico”.

Ainu apresenta uma possibilidade similar, distinguindo o sujeito (não marcado morfológicamente) do tópico, que recebe uma partícula extra:

IX.	Sake-anakne	somo	a-ku
	Sake-TOP	NEG	1.SG-beber

“Saquê, eu não bebo” (SHIBATANI, 1990, p. 39) [Ainu]

Existência de partículas de tópico que, como em japonês e coreano, podem ocorrer com o sujeito, também é reconhecida em manchu (GORELOVA, 2002, p. 414).

Salvas as devidas diferenças, Nivkh também apresenta um paradigma morfológico semelhante, em que o sujeito (não marcado na língua) pode ser contrastado com o que Nedjalkov e Otaina chamam de sufixo de foco:

X.	Rum	Not+xu-d
	Rum-SUJ	Not+matar-IND

“Rum matou Not” (NEDJALCOV e OTAINA, 2013, p. 162) [Nivkh]

XI.	Rum-ra	Not+xu-d
	Rum-FOC	Not+matar-IND

“(Foi) Rum (que) matou Not” (NEDJALCOV e OTAINA, 2013, p. 162) [Nivkh]

Diferente do que ocorre com a partícula de tópico em coreano e japonês (de forma justificada, já que foco e tópico não se referem a um mesmo fenômeno), uma vez que este morfema pode ocorrer no meio de oração:

XII. Rum Not-ra+k'u-d

Rum Not-FOC+matar-IND

“(Foi) Not (que) Rum matou” (NEDJALKOV e OTAINA, 2013, p. 162)
[Nivkh]

Não foi encontrada uma estrutura similar em mongol.

6.7. USO DE CONVERBOS

Chamamos de converbos o resultado da operação morfológica que permitem que um ou mais verbos sejam ligados em série de forma a criar uma única oração complexa (JANHUNEN, 2012, p. 163). Não só é atestada a existência desses converbos na região como é comum que esses converbos tendam a se gramaticalizar com verbos principais ao longo do tempo para dar leituras aspectuais ou pseudo-aspectuais (TRANTER, 2012, p. 10), como nas orações a seguir:

XII. Converbo V

Tabete mita [japonês]

mek-e pw-assta [coreano]

ide-zh üz-sön [mongol]

Comer-LIG ver-PSD

“Experimentou comer” (TRANTER, 2012, p. 10)

Apesar de não ter sido encontrada a mesma construção em manchu, a presença de converbos na língua é bastante extensa, com Gorelova (2002) distinguindo entre vários tipos na língua. Nivkh também apresenta um amplo uso de converbos de forma similar aos exemplos oferecidos por Tranter, com a possibilidade de uso de converbo junto do verbo “ver” para indicar “experimentar/tentar”:

XIV.	if	p'rə-jnə-r	ñu-ḡ
	3.SG	vir-DES-CONV-3.SG	olhar-IND

“Ele/Ela tentou vir” (NEDJALKOV e OTAINA, 2013, p. 102) [Nivkh]

Ainu, por sua vez, apresentou um comportamento distinto, usando um conectivo onde as outras línguas da região usariam converbos (SHIBATANI, 1990, p. 21).

6.8. PASSIVAÇÃO INDIRETA

Além da passiva que temos nas línguas europeias, em que o paciente é promovido à posição de sujeito, é possível em japonês e coreano que alguém indiretamente afetado por uma ação possa ser promovido à posição de sujeito para indicar prejuízo ou adversidade:

XIV.	Chichioya-ga	kodomo-ni	shin-are-ta
	Pai-NOM	filho-DAT	morrer-PSV-PSD

“O pai teve o filho morto” (IWASAKI, 2013, p. 174)

Não foram encontradas nas outras línguas da região construções parecidas, com menções a possibilidades similares geralmente sendo restritas ao mandarim (TRANter, 2012, p. 9).

7. ANÁLISE

Seguindo os dados oferecidos anteriormente é possível apresentar o seguinte quadro:

Quadro 1: Resumo Geral

	Ainu	Coreano	Japonês	Manchu	Mongol	Nivkh
SOB	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
NOM-AC	Não	Sim	Sim	Só ACU	Só ACU	Não
CLASS	Opcional	Sim	Sim	Não	Opcional	Sim
HON.SUJ	Não	Sim	Sim	Não	Não	Não
HON.INT	Não	Sim	Sim	Não	Não	Não
TOP+SUJ	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim?
CONV	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
PSV IND	Não	Sim	Sim	Não	Não	Não

Fonte: os autores

As línguas que apresentam maior afinidade entre si são a língua japonesa e a língua coreana, exibindo estratégias similares em todos os fenômenos analisados. Alguns dos fenômenos, como o uso de converbos com a gramaticalização de algumas combinações, assim como a marcação diferenciada para tópico e sujeito, foram muito mais amplos, atingindo até cinco das seis línguas aqui analisadas. Por outro lado, o sistema de honoríficos presente nas línguas japonesa e coreana se restringiu a apenas as duas línguas, assim como no caso da passivação indireta.

Seguindo os passos oferecidos no início e baseados em Haspelmath (2001), os dois primeiros pontos não seriam suficientes para determinar que se trata de uma área de convergência linguística, mas seriam suficientes para mostrar uma maior similaridade entre as línguas da região. Por outro lado, os seis fenômenos seguintes parecem apontar para uma área de convergência em que podemos detectar um núcleo

(Japão-Coreia) que apresenta uma correspondência plena nas estratégias gramaticais levantadas e uma periferia (Manchúria, Mongólia, Sibéria), em que podemos encontrar pelo menos pelo menos metade dos fenômenos aqui descritos (no caso das línguas manchú, mongol e nivkh) ou um pouco mais de um terço (no caso da língua ainu).

Por fim, é necessário frisar que, nas línguas em que não foram encontradas as estratégias buscadas, é possível que tenha havido uma falha do levantamento, e uma ausência de confirmação não deve ser tomada como a confirmação de ausência de quaisquer das estratégias mencionadas nas línguas pesquisadas. Ou seja, é possível que em revisões deste levantamento encontrem algumas das lacunas aqui despercebidas.

8. CONCLUSÃO

Ainda são necessárias mais pesquisas para entendermos melhor as semelhanças entre a língua japonesa e as línguas vizinhas da região. Os dados aqui presentes apontam para uma possível existência de uma área de convergência linguística, sendo necessária a detecção de outros fenômenos que possam ser típicos ou mesmos exclusivos na região. Também é necessário entender até onde se estendem essas semelhanças no continente asiático, ou se, de fato, esses comportamentos são restritos às línguas aqui mencionadas.

De qualquer forma, a possível existência de uma área de convergência no nordeste asiático mostra que, no caso da língua japonesa, é extremamente problemático fazermos uso de suas características tipológicas para tentarmos traçar sua origem e postular suas relações genéticas com as outras línguas naturais. Se, por um lado, ela mostra o histórico de contato dos povos da região, por outro nos é ainda mais desafiadora a resposta da pergunta: qual é a relação da língua japonesa com as outras línguas do mundo?

REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. M. W. Introduction. In: AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. M. W. *Areal Diffusion and Genetic Inheritance: Problems in Comparative Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 1-26.
- CHANG, S.-J. *Korean*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Co, 1995.
- CROFT, W. *Typology and Universals (Cambridge Textbooks in Linguistics)*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003.
- ENFIELD, N. J. Areal Linguistics and Mainland Southeast Asia. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, California, n. 34, p. 181-206, Junho 2005.
- GIVÓN, T. *Syntax - A Funcional Typological Introduction*. Amsterdã: Joh Benjamins Publishing Co, v. 1, 2001.
- GORELOVA, L. M. *Manchu Grammar*. Leiden: Brill, 2002.
- GRUZDEVA, E. *Nivkh (Languages of the World 111)*. Berlim: Lincom Europa, 1998.
- HASPELMATH, M. 107. The European Linguistic Area: Standard Average European. In: HASPELMATH, M., et al. *Language Typology and Language Universals: An International Handbook*. Berlim: Walter de Gruyter, v. 2, 2001. p. 1492-1509.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. *The Changing Languages of Europe*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- HENSHALL, K. *A History of Japan: from Stone Age to Superpower*. 2. ed. Nova Iorque: Palgrave MacMillan, 2004.
- HINDS, J. *Japanese: Descriptive Grammar*. Londres: Routledge, 2001.
- IWASAKI, S. *Japanese*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Co, 2013.
- JANHUNEN, J. A. *Mongolian*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Co, 2012.

- KIM-RENAUD, Y.-K. Modern Korean. In: TRANTER, N. *Languages of Japan and Korea (Routledge Language Family Series)*. Nova Iorque: Routledge, 2012. p. 123-167.
- LEE, K.-M.; RAMSEY, S. R. *A History of the Korean Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- LI, C. N.; THOMPSON, S. A. Subject and Topic: A New Typology of Language. In: LI, C. N. *Subject and Topic*. Nova Iorque: Academic Press, 1976. p. 457-489.
- MADDIESON, I. Front Rounded Vowels. In: HASPELMATH, M., et al. *The World Atlas of Language Structures*. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 50-53.
- NARANGO, L.; CRIBB, R. *Historical Atlas of Northeast Asia: 1590-2010*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2014.
- NEDJALKOV, V. P.; OTAINA, G. A. *A Syntax of the Nivkh Language: The Amur Dialect*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Co, 2013.
- REFSING, K. *The Ainu Language: The Morphology and Syntax of the Shizunai Dialect*. Aarhus: Aarhus University Press, 1986.
- SHIBATANI, M. *The Languages of Japan*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- SOHN, H.-M. *The Korean Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- SONG, J. J. *The Korean Language: Structure, Use and Context*. Nova Iorque: Routledge, 2005.
- TRANTER, N. Introduction: Typology and Area in Japan and Korea. In: TRANTER, N. *Languages of Japan and Korea (Routledge Language Family Series)*. Nova Iorque: Routledge, 2012. p. 3-23.
- VOVIN, A. The End of the Altaic Controversy: In Memory of Gerhard Doerfer. *Central Asiatic Journal*, v. 49, n. 1, p. 71-132, 2005.



OS AUTORES

Abdelhak Razky é Professor Titular da UnB. Possui Doutorado em Linguística pelo Université de Toulouse Le Mirail, França, Pós doutorado na Univ. de Toulouse Le-Mirail e na Univ. de Paris 13.

Adriana Cristina Cristianini é docente da Univ. Fed. de Uberlândia., Doutora pela USP e Pós-doutora pela Universidade de São Paulo e pela Universidade de Lisboa.

Clézio Roberto Gonçalves é docente na Universidade Federal de Ouro Preto. Possui doutorado em Linguística pela USP, e pós-doutorado em Língua e Cultura pela UFBA.

Diego Coimbra dos Santos é docente externo pela UFPA e Diretor Acadêmico-Pedagógico no Projeto do Governo do Estado “Forma Pará” pela SECTET. Mestre em Linguística pela UFPA.

Eduardo Nakama é graduado em Engenharia Eletrônica pelo ITA e em Letras-Japonês pela UnB. É servidor público do Ministério da Economia.

Geanne Alves de Abreu Morato é professora de Língua Japonesa e supervisora pedagógica do CIL de Sobradinho. É mestranda em Linguística Aplicada na UnB.

Hélder Gomes Rodrigues é professor de Língua Espanhola e atualmente é diretor do CIL Sobradinho. É mestre em Linguística Aplicada pela UnB.

Irenilde Pereira dos Santos é docente do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP. Livre-Docente em Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Josane Moreira De Oliveira é docente da Universidade Estadual de Feira de Santana. É Doutora em Letras Vernáculas pela UFRJ e pós-doutora em Língua e Cultura pela UFBA.

Kazue Saito M. Barros é Professora titular da UFPE, atua na Pós-graduação em Letras e Linguística. É PhD em Language and Linguistics pela University Essex, UK.

Kyoko Sekino é professora do curso de Letras Japonês do Instituto de Letras da UnB. É doutora em Linguística Aplicada pela UFMG, especializando-se no Estudo da Tradução.

Marcus Tanaka de Lira é professor adjunto do curso de Letras-Japonês da UnB. É Doutor em Linguística pela UnB.

Ricardo Rios Barreto Filho é professor adjunto do Departamento de Letras da UFPE, na área de Ensino da Língua Inglesa. Possui doutorado em Linguística pela UFPE.

Selma Sueli Santos Guimarães é professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico da Escola de Educação Básica da UFU. É doutora em Linguística pela USP.

Yuki Mukai é Professor Associado do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da UnB. É Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas.



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

DIÁLOGO LINGUÍSTICO

Ocidente e Oriente

O diálogo pode ser caracterizado como uma atividade humana que tem sua origem na interação humana nos vários grupos sociais que compõem a sociedade. Nesse sentido, é no espaço que, por meio da linguagem, brotam, circulam e se disseminam ideias.

O Diálogo Linguístico: Ocidente e Oriente é um livro que reúne textos escritos por pesquisadores que atuam também no ensino, do fundamental até o nível superior. Os capítulos reunidos são frutos de pesquisas aprofundadas sobre diversos aspectos de nossa língua (ocidente) e da língua japonesa (oriente).

O livro demonstra que as áreas de conhecimentos empíricos e teóricos sobre a linguagem podem se entrelaçar e ampliar os estudos com múltiplos olhares. Os novos consensos surgem, quando as “vozes”, em português e em japonês, orientam e direcionam na busca de novos paradigmas, construindo o saber e o fazer científicos.

A Comissão Organizadora agradece a todos os autores que nos confiaram os seus textos para a publicação.

Agradecemos ao Instituto de Letras e ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução pelo apoio e financiamento dessa obra no ano em que a presença da Língua Japonesa na UnB comemora quarenta anos. São quatro décadas de estudos profícuos sobre a língua japonesa os quais foram iniciados e sempre incentivados pela Profa. Dra. Alice Tamie Joko, posteriormente fundadora do curso de Licenciatura em Letras-Japonês, no ano de 1997.

ISBN 978-65-5846-143-2



9 786558 461432



Obra financiada pelo departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LETJ), do Instituto de Letras, por meio do edital IL/EDU 1º/2021.